

# A FLOR NA RUA OU A LUZ NO PÂNTANO: APROXIMAÇÕES ENTRE AS POÉTICAS DE BUENO DE RIVERA E DE DRUMMOND

## THE FLOWER ON THE STREET OR THE LIGHT IN THE SWAMP: SIMILARITIES BETWEEN THE POETICS OF BUENO DE RIVERA AND DRUMMOND

Isabella Lígia Moraes

**RESUMO:** Considerando a polêmica questão da influência, discutida por Harold Bloom, e o apaziguador conceito de filiação poética, proposto por João Cabral de Melo Neto, este estudo pretende mostrar como os poetas pertencentes à geração de 45 do modernismo brasileiro se caracterizam pela filiação à obra de um poeta mais antigo. Essa relação será mostrada no estudo da obra de dois poetas mineiros: Carlos Drummond de Andrade, que, segundo Silviano Santiago, seria o mais representativo poeta do século XX, e Bueno de Rivera, cuja obra apresenta uma significativa semelhança de temas e imagens com a obra do primeiro – o que, como ressaltamos neste artigo, não é um indicador de falta de originalidade, muito pelo contrário. Nesse sentido, reiteramos a importância da obra drummondiana e propomos o resgate da poesia de Rivera, de certa maneira ainda esquecida pela crítica literária, mostrando os pontos de contato entre suas poéticas com relação ao sentimento de angústia do poeta por estar-no-mundo, característica da crise da modernidade vivenciada por ambos e mimetizada em suas obras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bueno de Rivera. Carlos Drummond de Andrade. Modernidade.

**ABSTRACT:** Considering the controversial question of influence, discussed by Harold Bloom, and the reliever concept of poetic membership, proposed by Joao Cabral de Melo Neto, this article aims to show how the poets belonging to the generation of 1945 of Brazilian modernism are characterized by membership with the work of an older poet. We will show this relation in the study of the work of two poets: Drummond, who, according Silviano Santiago, would be the most representative poet of the twentieth century, and Bueno de Rivera, whose work shows a significant similarity of themes and images with the work of the first - which, as noted in this article, is not an indicator of lack of originality. Accordingly, we will reiterate the importance of Drummond's work and will propose the rescue of Rivera's poetry, somehow forgotten by literary criticism, showing the points of contact between the works of those two poets in relation to the poet's anguish by being-in-world, characteristic of modernity crisis experienced by both, and approached in his works.

**KEYWORDS:** Bueno de Rivera. Carlos Drummond de Andrade. Modernity.

### INTRODUÇÃO

O estudo da literatura produzida em Minas Gerais revela certas particularidades advindas, possivelmente, das próprias condições geográficas e históricas vivenciadas pelos habitantes da região. Com a impossibilidade de se lançarem aos diálogos propiciados

através da abertura marítima, os primeiros poetas mineiros se voltavam para a própria terra e para si mesmos, em uma perspectiva de verticalização, o que resultou em uma “literatura transcendental, que assumiu uma característica de teor intimista dada a emotividade ali contida e a preocupação com o valor ontológico apresentada pelos seus autores, que muitas vezes procuravam denunciar um mundo injusto e desumano” (SOUZA, 2009, p.19). Essas particularidades do fazer literário mineiro atingem seu ápice no século XX, cuja literatura, independentemente da região em que é produzida, aborda as questões que angustiam o homem que vivencia a crise da modernidade.

Com a angústia do ser humano moderno associada às referidas peculiaridades do mineiro, vemos surgir na região grandes nomes do modernismo brasileiro cujas obras assumem um caráter universal, como Carlos Drummond de Andrade, considerado por SANTIAGO (2002) o poeta mais representativo do século XX. Drummond traz em sua obra essas características do fazer literário mineiro, em que

a clausura geográfica, de tamanho efeito na evolução econômico-política de Minas, ao lado do subjetivismo com que essa e outras circunstâncias marcaram o temperamento do povo mineiro, explicam em boa parte a tendência *universalista*, o espírito *clássico*, que mais de um estudioso já assinalou na cultura mineira. (DUTRA; CUNHA, 1956, p.14).

Situando a poesia drummondiana nas gerações modernistas, percebemos que na década de 1930, período caracterizado por questionamentos e inquietações filosóficas diante do sentimento de estar-no-mundo, o poeta se define como *gauche*, exprimindo em sua obra as angustiantes contradições entre o eu e o mundo no qual vive. Entretanto, o poeta logo percebe que os problemas sociais dos quais o *gauche* se isolara são muito maiores do que seu universo particular, e isso ocasiona uma mudança de tom em sua poesia, com a percepção de que todos são *gauches* e de que essa é uma condição própria do mundo moderno. Essa fase engajada da poesia de Drummond coincidiria com a formação da geração de 45 do modernismo brasileiro, produzindo ecos nas obras de vários desses novos escritores.

O que melhor definiria os poetas dessa geração, na qual a questão da influência poética foi muito discutida em virtude das próprias condições de produção da época, seria “o fato de constituírem uma geração de extensão de conquistas, muito mais do que uma

geração de invenção de caminhos” (NETO, 1994, p.744). Ampliando as conquistas da geração de 30, haveria

um traço bem sintomático em todos estes poetas de 1945: todos partem da experiência de um poeta mais antigo. Quase sem exceção, a obra de cada um desses poetas novos se filia à de um poeta mais antigo, à de um inventor. Mas isso não pode ser tomado, sempre, como falta de originalidade ou de timbre pessoal” (NETO, 1994, p. 746)

Para o estudo desse conceito de filiação poética, propomos neste artigo uma aproximação entre a obra de Drummond, pertencente principalmente à sua fase social, e a poesia de Bueno de Rivera, pertencente cronologicamente à geração de 45, que se filia à de Drummond em temas e imagens. A existência de pontos de contato entre a poesia de Drummond e a de Bueno de Rivera foi apontada por Milton de Godoy Campos, segundo o qual Rivera, “libertando-se, com ‘Luz do Pântano’, da influência drummondiana, soube com toda autenticidade revelar sua força criadora”. (CAMPOS, 1966, p.21). Percebemos, com essa citação, que a influência é considerada pelo crítico como um ponto negativo, impossibilitando o poeta influenciado de exercer sua originalidade no fazer poético. Para Harold Bloom, entretanto, “a influência poética não precisa tornar os poetas menos originais; com a mesma frequência os torna mais originais, embora não por isso necessariamente melhores.” (BLOOM, 2002, p. 57). Ainda segundo o mesmo crítico, o estudo desse conceito, que ele prefere chamar de “apropriação poética, é necessariamente o estudo do ciclo vital do poeta como poeta” (BLOOM, 2002, p.58), e nisso reside a importância de abordarmos tais teorias na aproximação entre as poéticas dos citados autores.

A filiação de Rivera a Drummond foi reconhecida principalmente em sua primeira obra, *Mundo Submerso* (1944), embora possamos identificar pontos de contato no sentimento que ambos vivenciam em relação ao mundo também em sua obra seguinte, *Luz do Pântano* (1948). Os poetas se aproximam, portanto, não apenas na semelhança entre imagens e estratégias utilizadas por eles em seu fazer poético, o que provavelmente restringiria nossa proposta de aproximação à primeira obra de Rivera. Transcenderemos, portanto, essa abordagem, aproximando ambas as poéticas na expressão da solidão do poeta, de sua angústia por estar-no-mundo e na percepção de que esse sentimento é coletivo

na época em que vivem, característica da crise da modernidade vivenciada por ambos e mimetizada em suas obras.

## **MINAS E O MUNDO: O FUNDO POÇO**

O fazer poético mineiro pode, em geral, ser caracterizado pelo intimismo e o universalismo característicos da visão de mundo que se formou em Minas no decorrer da história da região. Nesse sentido, DUTRA e CUNHA (1956) apontam para a possibilidade de existência de uma linha poética mineira, que, “inaugurada por Drummond de Andrade, não teve continuação integral; dissociou-se, na evolução do modernismo, em espírito e forma (...)” (DUTRA; CUNHA, 1956, p.103-4). Dessa maneira, essa linha poética do “mineirismo”, traçada a partir da poesia drummondiana, teria se fragmentado nas características que a compõem e, assim, ecoado na obra de diversos poetas posteriores ou mesmo contemporâneos de Drummond. Esses ecos drummondianos nas obras de outros poetas consistiriam justamente na questão da “apropriação poética”, discutida por Harold Bloom, ou, para contextualizar no modernismo brasileiro, no conceito de “filiação poética”, proposto por João Cabral de Melo Neto.

Um dos perpetuadores da chamada linha poética mineira foi, portanto, Bueno de Rivera, em cuja obra, segundo DUTRA e CUNHA (1956), encontramos características desse “mineirismo” inaugurado por Drummond, como a presença do verso contido e seco. Ainda segundo os críticos citados, Bueno de Rivera “não mostra nenhuma inclinação pelos motivos mineiros, embora guarde em seus versos certos modismos sintáticos e ‘truques’ do verso drummondiano, claramente tomados à terra.” (DUTRA; CUNHA, 1956, p.104). Essa colocação refere-se às duas primeiras obras de Rivera, *Mundo submerso* (1944) e *Luz do pântano* (1948), pois na terceira obra de Rivera, *Pasto de pedra* (1971), publicada após essa colocação dos críticos, encontramos algumas temáticas mineiras, como considerações sobre a agropecuária ou a figura do boi.

Consideramos, entretanto, que os dois primeiros livros de Rivera, além de se filiarem à obra de Drummond na sintaxe e nas imagens utilizadas, referem-se diversas vezes a Minas, embora não de maneira explícita, como o seria, por exemplo, através do uso de figuras regionais. Essas referências a Minas Gerais são feitas a partir do olhar do poeta, e

através dessa subjetividade ele consegue atingir o universal: para ele, Minas se torna o mundo.

O poeta mineiro Bueno de Rivera se volta para a própria terra, e também para sua memória, voltas estas metaforizadas no “olhar o poço”, o que consiste exatamente no mundo submerso que dá título à primeira obra de Rivera. No último verso do poema “Ângela no porto de Santos”, publicado na obra *Luz do pântano* (1948), vemos a associação de Minas ao poço: “No poço das gerais, um afogado te espera!” (RIVERA, 1948, p. 50). A ideia de “poço”, na obra do poeta, é também apresentada como “pântano”, mantendo as sugestões de afogamento, asfixia e profundidade. Essa descrição de Minas, entretanto, assume um caráter universal, pois é deslizada para o mundo: Minas e o mundo parecem ter, ao poeta, a mesma atmosfera asfíxiante, como percebemos no poema “Luz do pântano”, da obra de mesmo título:

Mas brilha intangível  
a tua ideia em chamas.  
Arde o teu clamor  
sobre o mundo e o pântano.

(RIVERA, 1948, p. 22)

Com relação a esse sentimento de angústia asfíxiante do poeta, MACHADO FILHO (1984) diz que “das reminiscências autobiográficas decorre a visão poética da vida”, isso porque “quando tinha oito anos, o poeta Bueno de Rivera quase morreu afogado. Sinais da pavorosa lembrança podem servir de chave à tentativa de interpretação.” (MACHADO FILHO, 1984, p.3). Entretanto, mais do que revelar um eco autobiográfico, a sensação do poeta diante da região em que vive se metamorfoseia na angústia universal do homem que vivencia a crise da modernidade.

Essa ideia de Minas e do mundo como um poço sobre o qual o poeta se debruça sugere a questão da volta do mineiro a si próprio e à própria terra, devido às naturais dificuldades geográficas impostas aos possíveis diálogos, o que, como já dissemos, marcaram profundamente o temperamento desse povo. Essa mesma ideia de Minas como lugar subterrâneo e telúrico vemos em Drummond, no poema “A palavra Minas”, da obra *As Impurezas do Branco* (2002):

Minas não é palavra montanhosa.  
É palavra abissal. Minas é dentro  
E fundo.

(ANDRADE, 2002, p. 774)

Tais versos nos mostram que, apesar de num primeiro momento se caracterizar pelas regiões montanhosas, Minas não estaria no topo dessas montanhas, e sim no fundo de seus vales: uma região telúrica onde encontraríamos o mineiro introspectivo, solitário e melancólico. No contexto do século XX, entretanto, essa caracterização regional assume um caráter universal, já que a opressão das montanhas torna-se uma metonímia do próprio mundo, cujas condições na crise da modernidade oprimem, angustiam e individualizam o ser humano. O aspecto telúrico, a angústia e a solidão estão bem expressos no poema “Canto da insubmissão”, de Rivera:

Eu, que sou pedra e montanha, sangue e oeste,  
negro poço do tempo e da memória,  
mãos sujas no labor do subsolo,  
apenas vos ofereço o choro vivo  
dos homens solitários.

(RIVERA, 1948, p. 109)

Nesse poema, o poeta percebe que não pode cantar “a vida amena” ou as belezas e alegrias, pois sabe “também que existem / soluços e revoltas”, e isso o comove. A matéria de sua poesia seria, portanto, as dores de seus semelhantes, que ele sofre como se fossem dele próprio. Apesar dessa identificação com o sofrimento do outro, nos poemas de Drummond e de Rivera, todavia, vemos o homem que não se identifica com o mundo.

Em “A flor e a náusea”, poema de *A rosa do povo* (2002), por exemplo, o eu lírico drummondiano vai “de branco pela rua cinzenta” (ANDRADE, 2002, p.118), mostrando a ausência de uma identificação com o mundo no qual se encontra. E assim segue pela cidade, cercado de melancolias e tédio, enquanto a rua, lugar onde supostamente haveria o convívio e a liberdade, traz a solidão, a prisão e a perda:

Todos os homens voltam para casa.

Estão menos livres, mas levam jornais  
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

(ANDRADE, 2002, p. 118)

Se os homens perdem o mundo e o contato com seus semelhantes, a esperança surge em meio à cidade cinzenta, embora apresentada com significantes de negação, e não de construção:

Uma flor nasceu na rua!  
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.  
Uma flor ainda desbotada  
ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralise os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe  
Suas pétalas não se abrem.  
Seu nome não está nos livros.  
É feia. Mas é realmente uma flor.  
(...)  
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

(ANDRADE, 2002, p. 119)

Como vemos nos citados versos, a flor que nasce na rua como um ícone de esperança e que, por isso mesmo, apenas o poeta percebe, é composta pela negação, e não pela construção: é uma flor sem cor, sem nome, feia, cujas pétalas não se abrem, mas é justamente o que rompe o tédio do cinzento mundo moderno. O eu lírico chama a atenção dos demais passantes, pedindo que “façam completo silêncio, paralise os negócios” pelo nascimento dessa flor na rua, isso porque aparentemente apenas ele percebe o acontecido, pois se identifica com essa flor. O eu lírico destoa da cor cinzenta da cidade pelas suas roupas claras, assim como o nascimento de flor rompe o asfalto e a rotina urbana.

Essa mesma ideia da esperança que surge no mundo está presente no poema “Luz do pântano”, de Bueno de Rivera:

Uma luz enigma  
na solidão do pântano  
onde peixes cegos  
mergulham na morte.

Uma luz entre névoas  
como rosa ardente,  
corolas de fogo  
no jardim palúdico.

Flor indefinível,  
brasa sôbre o lodo.  
Talvez uma estrela,  
guia de afogados.

(RIVERA, 1948, p. 21)

A descrição dessa luz que surge “na solidão do pântano”, ou do mundo, nos leva à mesma ideia de esperança proposta pela flor que rompe o asfalto, em Drummond. O homem moderno, que viveria angustiado, sufocado ou “afogado” no pântano do mundo, poderia ter essa luz como uma estrela guia para romper a situação em que se encontra. Essa luz, inclusive, é comparada no poema de Rivera a uma “rosa ardente” e uma “flor indefinível”, como o era aquela flor que, em Drummond, rompe o tédio e a solidão da cidade.

## A ANGÚSTIA QUE É DE TODOS

Considerando a divisão em fases da poesia drummondiana proposta pelo crítico Alfredo Bosi, na fase social, representada pelas obras *Sentimento do Mundo* (1940), *José* (1942) e *A Rosa do Povo* (1945), o poeta até então *gauche* percebe que não é único: sua solidão é, na verdade, a mesma sentida por todos os cidadãos, condição da vida no mundo moderno. O século XX se caracteriza, para PAZ (1993, p.40), “pela incerteza diante dos valores e ideias que fundaram a modernidade”, pois se antes o homem cria ser parte de um universo, agora haveria a impossibilidade da produção de um poema épico, já que “o homem ficou sozinho na cidade imensa e sua solidão é a de milhões como ele. O herói da nova poesia é um solitário na multidão ou, melhor dizendo, uma multidão de solitários” (PAZ, 1993, p.40). Dessa maneira, o sentimento de estar só no mundo que isolava o poeta *gauche* em sua individualidade passa a ser percebido como um sentimento coletivo, que é de todos, e assim o particular se torna universal. Drummond relata essa solidão do mundo moderno em seu poema “Mas viveremos”, do livro *A Rosa do Povo* (2002):

Há mais de vinte anos caminhávamos  
sem nos vermos, de longe, disfarçados  
mas a um grito, no escuro, respondia  
outro grito, outro homem, outra certeza.

(...)

Hoje quedamos sós. Em toda parte,  
somos muitos e sós. Eu, como os outros.  
Já não sei vossos nomes nem vos olho  
na boca, onde a palavra se calou.

(ANDRADE, 2002, p. 203-4)

Nos citados versos, vemos a comparação das relações humanas de “há mais de vinte anos” com aquelas vivenciadas em sua época. O poeta se recorda de que, em um tempo anterior, havia um sentimento de coletividade, o homem não estava só, pois havia sempre “outro grito, outro homem” a quem recorrer. A essa antiga certeza contrapõe-se a segunda estrofe citada, na qual o poeta relata a solidão, que é, porém, sentida por todos, pois ele diz no plural: “Somos muitos e sós”. No mundo moderno, as pessoas não mais se conhecem, já que o poeta não sabe sequer seus nomes, e a comunicação não é possível, pois “a palavra se calou” devido a essa individualização do ser humano.

Considerando a questão das afinidades eletivas entre Drummond e Bueno de Rivera, percebemos que a fase social do primeiro coincidiu com a formação da geração de 45, justamente a época em que Rivera publicou sua primeira obra, *Mundo Submerso* (1944) e, posteriormente, publicaria *Luz do Pântano* (1948). Na poesia de Rivera percebemos também esse traço da solidão do poeta, da angústia de estar no mundo e a percepção de que esse sentimento é comum a todos. Percebemos isso de forma contundente no poema “Mal de todos”, da obra *Mundo Submerso* (1944), em cujo título já vemos o caráter coletivo do sentimento do poeta:

Eu me encontro em cada amigo  
com o mesmo aspecto sombrio.

Todo o semblante triste  
é um espelho da minha mágoa.

E por mais que eu me disfarce,  
a minha dor se reflete  
na face amarga ou risonha

do meu pobre semelhante.

A tristeza não é só minha  
mas do meu irmão e do mundo.

(RIVERA, 1944, p. 68)

O poeta se identifica ao olhar para o outro, um duplo de si, pois sua dor está refletida em cada pessoa, como se todos fossem espelhos de sua angústia. No fim do poema, reconhece que sua tristeza não é particular, mas de todas as pessoas e do próprio mundo.

Outro poema carregado dessa angústia é “Sismógrafo”, de *Luz do pântano* (1948), em que o poeta diz sentir tudo o que acontece no contexto mundial: “Homem sismógrafo / no poço, no mundo”, ele sente o sofrimento de seus semelhantes, ainda que desconhecidos. Sobre o pensamento heideggeriano em relação ao mundo, é importante ressaltar que “seja de maneira positiva, negativa ou indiferente, a existência não é só a minha existência, mas também a de outro, comigo compartilhada num *ser-em-comum* (*Mitsein*). Ser-no-mundo, o *Dasein* é igualmente ser com os outros” (NUNES, 2004, p.17). Nesse sentido, a angústia sentida pelo poeta por seu sentimento em relação ao mundo é reconhecida como sendo de todos os seres humanos, o que faz o poeta se identificar com todos os homens:

A criança esquimó  
cai numa geleira.  
Fico pálido e frio...  
(...)  
Um menino morre  
numa rua em Changai,  
sou presente e choro  
a agonia do lírio.

(RIVERA, 1948, p. 106-8)

A preocupação com o social, como percebemos, é recorrente na obra de Bueno de Rivera, e em diversos momentos se mostra em um aspecto muito original: O poeta associa o seu sofrimento e, portanto, o dos seus semelhantes, ao sofrimento do boi, o que podemos ver em “O açougue”, de *Mundo Submerso* (1944):

Mundo mau, matança fria  
de inocentes.  
Homens e bois resignados...

(RIVERA, 1944, p. 62)

Sendo o boi um animal que vive em rebanho, o poeta mostra que nenhum homem é um ser à parte da sociedade, e seu destino fatal está associado ao de todos. Assim, o poeta se projeta no outro e sofre sua angústia. Nesse sentido, Rivera relaciona um ao outro “o boi e o homem, indicando um destino trágico e comum a ambos. É mais que uma preocupação com o boi; é a preocupação com o próprio ser humano” (SOUZA, 2009, p. 26). Nesse sentido, reitera-se o reconhecimento de que a angústia de estar no mundo seria de toda a humanidade.

Considerando que, na percepção da coletividade desse mal estar, o particular se torna universal, vemos que Drummond, tendo afirmado na fase *gauche* que tinha o coração maior do que o mundo, na fase social percebe que não é assim, como vemos no poema “Mundo Grande” (In: *Sentimento do Mundo*):

Não, meu coração não é maior que o mundo.  
É muito menor.  
Nele não cabem nem as minhas dores.  
Por isso gosto tanto de me contar.  
Por isso me dispo,  
por isso me grito,  
por isso freqüento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:  
preciso de todos.

(ANDRADE, 2002, p. 87)

De acordo com o citado trecho, o poeta assume que precisa de todos. Assim, o *gauche* cujo sentimento de solidão o mantinha afastado dos problemas sociais, se transfigura em um poeta que assume que o mundo e seus problemas são muito maiores do que o universo particular de sua individualidade. Esse reconhecimento é possibilitado justamente pela identificação de sua tristeza com o sofrimento do outro, percebendo que sua condição é universal.

Bueno de Rivera também ultrapassa o particular (homem do interior) e se lança ao universal (homem do mundo), ao utilizar uma imagem que, inclusive, muito se assemelha à

utilizada por Drummond – enquanto o coração deste é muito menor que o mundo, o de Rivera, no poema “O homem no mundo”, de *Mundo Submerso* (1944), seria “um alfinete no mapa”:

Não sou mais o homem do interior, sou o homem do mundo.  
Hoje, o meu coração é um alfinete no mapa,  
aceso também na hora solidária.  
Adeus, alegrias inúteis! A dor bateu às nossas portas.  
Temos os olhos enxutos, estamos conscientes.

(RIVERA, 1944, p.51)

Assim sendo, constatamos preocupações ontológicas e de ordem social semelhantes a ambos os poetas, que, muito além de uma suposta tendência mineira a tais reflexões, revelam sentimentos e pensamentos comuns aos intelectuais de meados dos anos 40. Enquanto o mundo via concretizar-se o horror de uma Grande Guerra, vemos na literatura a manifestação da preocupação com o outro e a identificação entre o poeta e todas as pessoas que compartilham com ele, diretamente ou não, a angústia da existência. Tanto em Drummond como em Rivera, estão representadas essa coletividade e a solidariedade com o outro, em que cada pessoa reflete o sofrimento de todas, além da esperança que sempre surge em meio à opressão das cidades modernas, percebida, muitas vezes, apenas pela sensibilidade do poeta.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Propusemos, neste estudo, uma aproximação entre a poesia de Carlos Drummond de Andrade, principalmente das obras pertencentes à chamada fase social de sua poesia, e as duas primeiras obras de Bueno de Rivera, *Mundo Submerso* (1944) e *Luz do Pântano* (1948), caracterizadas por uma filiação em temas e imagens à poesia drummondiana. Procuramos mostrar com nossa proposta que a filiação poética foi recorrente entre os poetas da geração de 45 do modernismo brasileiro, o que não implica em um desmerecimento da obra do poeta mais novo, no caso Rivera, pois essa foi uma prática comum e necessária devido às próprias condições de produção da época.

Além dos diversos pontos de contato já reconhecidos entre os poetas em análise, mostramos a recorrência das preocupações ontológicas e sociais manifestas por ambos em suas obras. Com isso, ressaltamos que a maior semelhança entre Drummond e Rivera consiste na mimetização da angústia por estar-no-mundo e na percepção de que esse seria um sentimento coletivo, característica da crise da modernidade vivenciada por eles no contexto de produção de sua poesia.

Assim, além de reafirmarmos a importância do grande poeta Drummond, mostramos a necessidade de se estudar melhor a poesia de Bueno de Rivera, atestando, a partir da aproximação feita, o valor desse poeta que ainda está um pouco esquecido pela crítica literária. Nesse sentido, mostramos como as poéticas de Drummond e de Rivera se destacam nos cenários mineiro e modernista justamente pelo caráter universal de suas obras, através de uma abordagem subjetiva dos conflitos vivenciados pelo ser humano de seu tempo.

Lemos nas obras desses poetas, portanto, versos angustiados que, surpreendentemente, não revelam pessimismo, mas atraem nossa atenção para flores que rompem o asfalto ou luzes que brilham em pântanos asfíxiantes, servindo de guias para os habitantes solitários e submersos do mundo moderno em crise.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. As impurezas do branco. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 2002.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 2002.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Sentimento do mundo. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 2002.
- BLOOM, Harold. Meditação sobre uma prioridade e uma sinopse. In: *A angústia da influência*. Uma teoria da poesia. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 51-65.
- DUTRA, Waltensir; CUNHA, Fausto. *Biografia crítica das letras mineiras*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, 1956.
- CAMPOS, Milton de Godoy. Bueno de Rivera. In: *Antologia Poética da Geração de 45*. São Paulo: Clube de Poesia, 1966.
- MACHADO FILHO, Aires da Mata. Sinais de uma reminiscência. In: *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Nº 944, 03/11/84, p. 03.
- NETO, João Cabral de Melo. A geração de 45. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1994, p. 741-752.

- NUNES, Benedito. O mundo. In: *Heidegger e Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 14-22.
- PAZ, Octavio. Ruptura e convergência. In: *A outra voz*. Trad.: Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993, p. 33-57.
- RIVERA, Bueno de. *Mundo Submerso*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1944.
- RIVERA, Bueno de. *Luz do pântano*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1948.
- SANTIAGO, Silviano. Introdução à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 2002, p. 03-41.
- SOUZA, Anderson Ibsen Lopes de. *O eu íntimo e o eu social na poesia de Bueno de Rivera*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Curso de Pós-Graduação em Letras.